

Paranóia ou Mistificação

J. Roberto Whitaker Penteado

Um artista diante de um gato não poderá "sentir" senão um gato - Monteiro Lobato

Uma breve viagem à França, no final do ano passado, fez-me experienciar o carinho especial que os franceses nos reservaram, nesse Ano do Brasil na França - cuja cobertura, a nossa mídia nos sonegou quase inteiramente, tão preocupada em conceder todos os seus espaços à criminalidade carioca, aos carrapatos assassinos de Itaipava, aos intermináveis roubos dos nossos governantes - e outros temas transcendentais que fascinam os coleguinhos. Só testemunhei uma pequena parte - que muito me impressionou - mas amigos brasileiros, que moram por lá, contaram-me sobre a presença verdadeiramente apoteótica da cultura e de outras coisas boas deste país que, durante 12 meses, encantaram o povo da França.

O passeio levou-me - no espaço de poucos dias - a exposições literais, em ambos os sentidos, a dois importantes conjuntos de obras da arte visual contemporânea. Na velha Lyon, os últimos dias de uma Bienal, cujo tema era A Experiência da Duração. Em Paris, a uma vasta exposição chamada Big Bang, Destruição e Criação na Arte do Século 20, no notório Beaubourg, ou Centre Pompidou.

Nosso José Bento Monteiro Lobato, que - entre muitas outras atividades - foi pintor (mediocre) e crítico de arte (competente), escreveu (no Estado de S. Paulo, há quase cem anos) que "todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo nem da latitude", pondo no papel uma opinião que já foi, há muito, exilada para o século 18. Todavia, foi dele que me lembrei, ao percorrer esses espaços que abrigavam a custo, coisas tais como gaiolas imensas, com pombos obesos de devorar manequins construídos com rações para aves; aposentos preenchidos por fumaça colorida, em que só era possível o movimento ao longo das paredes, para não se perder; figuras em cêra, reproduzindo um casal nu e desinteressado; fotos mostrando milhares de pessoas igualmente nuas, como se fossem o calçamento humano de ruas e avenidas; longas e sinuosas cabideiras penduradas de echarpes e foulards; galerias de pequenas lousas escolares, para as pessoas fazerem seus desenhos, com giz; um pouco de lixo amontoado, num canto; estantes com longas filas de garrafas idênticas; projeções de filmes a respeito de um porco dormindo, durante 24 horas... Enfim - de novo literalmente - espero que você tenha recebido as imagens.

Fosse eu Lobato redivivo e morreria de novo, demolido por uma síncope, que também é coisa de gente de antigamente. Mas não sou e nem mesmo sou especialista em arte. Mas entendo alguma coisa de mídia - que são os meios da comunicação - e acredito que, entre a rigidez da sua visão e o caos desconstruído e decadente que exibem os museus e as bienais da pós-modernidade, algo se perdeu.

Na tentativa de se lhe conquistar a mente, perdeu-se o coração do consumidor da arte. Que somos você e eu - claro: capazes de visitar atentamente essas manifestações multimidiáticas, mas que decoram suas casas com reproduções de Van Gogh, da Venus de Brassempouy ou com um dos sete anões do Walt Disney.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Paranóia ou Mistificação. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=210&ID=312>>. Acesso em: 18 ago. 2009.